



LSPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**A ESTABILIDADE DO RETRAIMENTO
SOCIAL EM ADOLESCENTES**

ANA RAQUEL CARDOSO DIAS

Orientador de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MANUELA VERÍSSIMO

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MANUELA VERÍSSIMO

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Clínica

2014

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof^ª. Doutora Manuela Veríssimo, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica, conforme o despacho da DGES n^º 19673/2006 publicado em Diário da República 2^a série de 26 de Setembro de 2006

Agradecimentos

À Prof. Doutora Manuela Veríssimo por me ter ajudado ao longo destes meses, por me ter incluído no projeto de investigação, por me ter dado todo o apoio quando precisei. Muito obrigada. Foi muito importante para mim.

À Prof. Olívia Ribeiro que me recebeu com muito carinho na Unidade de Investigação.

Aos meus pais, que sempre acreditaram em mim, que nunca me deixaram baixar os braços e que sempre estiveram ao meu lado. Foram, sem dúvida, uma peça muito importante nesta fase da minha vida. Dedico esta dissertação a vocês que sei que estão muito, muito, muito orgulhosos.

Às minhas irmãs, Andreia e Filipa. Obrigada por estarem sempre comigo, por todas as conversas, pela compreensão e carinho. Sem vocês não tinha conseguido.

Ao Francisco, por partilhar todos estes momentos comigo. És o meu pilar, o meu confidente. Obrigada pelas longas conversas, pela tua paciência e por nunca desistires de mim.

Aos meus padrinhos, avós, tio e primos que estiveram sempre presentes no meu coração e que sem eles não tinha conseguido.

Às minhas queridas amigas: Matildinha, Sílvia, Sofia e Ana Maria por partilharem esta experiência comigo. Por me ajudarem a caminhar sempre em frente, pela ternura e amizade que nos une.

Por último, dedico mais uma vez este trabalho à minha tia. Um beijinho muito especial. Sei que estás sempre comigo.

RESUMO

Na sequência da importância das relações sociais e das interações entre os pares, o conceito de retraimento social tem sido um dos mais importantes nestes últimos anos, tornando-se uma temática com muito interesse na área da investigação, no entanto, poucos estudos têm sido realizados com os adolescentes relativamente à sua reputação social.

O presente estudo teve como objetivo verificar o fenómeno de retraimento social, nomeadamente sobre a estabilidade na reputação social num grupo de adolescentes em dois anos letivos e consequentemente verificar se existiam e como se manifestavam as diferenças de género. Também nos interessou identificar, nos dois momentos, quais os adolescentes isolados retraídos e os adolescentes isolados agressivos.

Participaram neste estudo 452 jovens adolescentes, pertencentes aos 7º e 8º anos de escolaridade. De forma a concretizar o objetivo, o instrumento de recolha de dados utilizado foi o ECP (Extended Class Play).

Os resultados evidenciaram uma estabilidade moderada e forte em ambos os momentos em todas as dimensões. Relativamente às possíveis diferenças de género, os rapazes eram mais estáveis nas dimensões vitimização, comportamento pró-social e socialização, enquanto o sexo feminino era mais estável nas dimensões retraimento social e exclusão. Contudo, na dimensão agressividade verificou-se uma estabilidade semelhante em ambos os sexos. Por último, verificou-se que o grupo de adolescentes isolados retraídos era mais estável comparativamente ao grupo de adolescentes isolados agressivos.

Palavras-chave: Retraimento Social; estabilidade, adolescência

ABSTRACT

Regarding the importance of social relations and interaction between peers, the concept of withdrawal has been one of the most important in these last years becoming one thematic with much interest in the research area, however few studies have been performed with teens towards social reputation.

The present study had the objective of checking the phenomenon of withdrawal namely about the stability of the social reputation in a teenager group in two school years to verify if there were any differences in gender and how they were manifested. It was also of our interest to identify in the two moments who were the isolated retracted teens and who were isolated aggressive ones.

A total of 452 adolescents attending the 7th and 8th grade were part of this study. To achieve the goal we set ourselves, we applied the ECP questionnaire (Extended Class Play).

The results showed a moderate and strong stability in both moments in all dimensions. Regarding the possible gender differences, boys were more stable in victimization dimensions, pró-social comportment and socialization, while females were more stable in the withdrawal social dimensions and exclusion. However in the aggressive dimension a similar stability in both genders was verified. Lastly, it was also verified that the isolated retracted teenagers group was more stable when compared to the aggressive one.

Keywords: Social withdrawal, stability, adolescence

ÍNDICE

Agradecimentos.....	III
Resumo.....	IV
Abstract.....	V
1. Revisão de Literatura.....	1
1.1 Importância das Relações com os Pares na Adolescência.....	1
1.2 Definição de Retraimento Social.....	3
1.3 Características das Crianças e Adolescentes Socialmente Retraídos/Isolados	6
1.4 Consequências do Retraimento Social.....	8
1.5 Diferenças de Género no Retraimento Social.....	9
1.6 Estabilidade do Retraimento Social.....	10
1.7 Objectivo de Estudo.....	12
2. Metodologia.....	13
2.1 Participantes.....	13
2.2 Instrumento.....	13
2.3 Procedimento.....	14
3. Resultados.....	16
4. Discussão.....	20
5. Referências.....	26

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.....	17
Tabela 2.....	19

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.....	18
---------------	----

1. REVISÃO DE LITERATURA

1.1 Importância das Relações com os Pares na adolescência

Blos (1997), defende que, para as crianças e adolescentes, a interação com os grupos desempenha um papel fundamental no desenvolvimento como pessoa. O autor define grupo de pares como sendo um crescimento dos adolescentes fora da família e centrado na vivência em grupo, onde os jovens podem interagir socialmente, encontrarem-se e identificarem-se com os outros. Segundo Almeida (2000), “o grupo de amigos fornece à criança um contexto que não só lhe facilita o acesso a novas experiências, como providencia uma companhia ou um pretexto para que lhe permita experimentar e refinar as suas potencialidades de dialogar, persuadir, tomar iniciativas, negociar, argumentar, cooperar, competir, perceber pontos de vista, antecipar, resolver problemas, expressar afetos e estabelecer relações de amizade”.

O contacto com os pares e as diversas experiências que a criança partilha com os outros contribuem para o seu desenvolvimento adequado e saudável. É neste contexto, que a criança adquire inúmeros comportamentos, atitudes e experiências que posteriormente vão influenciar a sua adaptação não só no período da adolescência como também ao longo de toda a sua vida. Mais tarde, já no início da adolescência, os jovens começam a compreender melhor o próprio conceito de amizade, de partilha e de grupo. (Rubin, Bukowski & Parker, 2006). Os autores afirmam ainda que, crianças com idades próximas dos 10 anos reconhecem alguns valores relacionados com a amizade e com a compreensão social. Na pré-adolescência, os jovens já têm uma visão diferente, e estão mais atentos não só aos próprios interesses que partilham com os pares como também à atenção que disponibilizam para entender o outro (Rubin, Bukowski & Parker, 2006). Também Zaratany, Hartmann e Rankin (1990), corroboram com estas afirmações e referem que quando as crianças entram na escola apresentam comportamentos muito concretos sobre as relações de amizade. Mais tarde, do final da infância até à pré-adolescência, estes jovens alteram a sua compreensão sobre este conceito e olham para a amizade de uma forma muito mais individualista, onde a recompensa é o ponto forte. Aos 11 anos, aproximadamente, há um aumento significativo do número de

amigos, o contacto com estes é maior, a definição de papéis começa a ser evidenciada e a lealdade prevalece (Zarbatany, Hartmann & Rankin, 1990).

No período da adolescência ocorre um fenómeno muito importante, o chamado processo de individuação, onde os adolescentes reestruturam os seus próprios relacionamentos com os seus pais e dedicam-se acima de tudo às relações com os pares, melhorando-as e tornando-as mais fortes (Blos, 1997). É nesta altura que aumenta não só o número de membros do grupo de pares como também a quantidade de interações sociais entre o próprio grupo (Rubin, Bukowski & Parker, 2006).

Devido à participação em atividades grupais e à interação com os outros, os adolescentes desenvolvem a capacidade de auto-reflexão e entendem as diferentes perspetivas dos outros. As trocas e partilhas entre os pares, sejam elas realizadas de forma competitiva, cooperativa, ou mesmo conflituosa permitem ao jovem adquirir uma melhor compreensão de si mesmo e do outro (Mead, 1934). É nesta perspetiva, que Sullivan (1953) defende que a experiência das relações entre os pares é essencial no desenvolvimento de conceitos como respeito, igualdade e reciprocidade. Por outro lado, Rubin (1982), defende que as crianças que brincam sozinhas e que não interagem com os pares, são consideradas crianças de risco não só por poderem desenvolver problemas sócio-cognitivos como também por desenvolverem dificuldades ao nível social. Rubin e Mills (1988) corroboram com esta ideia e acrescentam que as relações pobres entre os pares, ou mesmo a ausência delas podem contribuir para diversas dificuldades de adaptação e para posteriores problemas psicológicos. Os mesmos autores referem ainda que as crianças que não conseguem estabelecer algum tipo de relação com os pares estão de alguma forma em risco de desenvolver mais tarde um desajustamento psicológico geral (Rubin & Mills, 1988), na medida em que estas crianças e adolescentes tendem a manifestar níveis mais elevados de solidão, timidez e diversos problemas de internalização tais como maiores níveis de ansiedade, depressão e menor auto-estima (Bagwell, Newcomb & Bukowski, 1998; Boivin, Hymel & Bukowski, 1995; Parker & Asher, 1993).

Desta forma, as relações e interações com os pares são um fator de extrema importância para a criança e o adolescente não só por serem imprescindíveis no desenvolvimento dos jovens como também por contribuírem para o bom funcionamento e bem-estar psicológico e psicossocial (Piaget, 1994; Rubin, Bukowski & Parker, 2006).

1.2 Definição de Retraimento Social

O desenvolvimento emocional e social bem como o bem-estar psicológico está positivamente relacionado com as relações de amizade que os jovens constroem durante a infância, podendo desempenhar um papel cada vez mais importante com o aumento da idade (Rubin, Bukowski, Parker & Bowker, 2008). Para Bowker, Rubin e Coplan (2010; Rubin & Coplan, 2004), os adolescentes que percebem a intenção dos outros, que refletem sobre os sentimentos e pensamentos e que estabelecem interações com os pares (Rubin, et al., 2008), demonstram um comportamento socialmente mais competente do que os adolescentes retraídos. Quando os jovens preferem estar sozinhos e quando essa decisão se prolonga por grandes períodos de tempo, as relações sociais dessas crianças/adolescentes podem ficar qualitativamente mais pobres (Bowker, Rubin & Coplan, 2010).

O fator de risco individual mais estudado em Psicopatologia do Desenvolvimento é o retraimento social (Rubin, Coplan & Bowker, 2009). Segundo Laursen e Hartl (2013), o isolamento social é caracterizado pela ausência de relações sociais e de contacto com outras pessoas. Na perspectiva dos autores, quando o isolamento social é indesejado pode afetar o indivíduo de forma negativa. O retraimento social é uma característica individual que influencia não só a qualidade das relações sociais de um jovem mas também a forma como os outros o percebem (Hinde, 1987).

O isolamento social é então definido por baixas frequências relativas de interação com os pares (O'Connor, 1969; Carvalho, 2006), baixos níveis de aceitação pelos pares ou altos níveis de rejeição do grupo de amigos (Gottman, Gonso & Rasmussen, 1975).

A amizade é uma das fontes de apoio social mais importantes no crescimento individual da criança e no seu desenvolvimento (Sullivan, 1953). Brendgen, Vitaro e Bukowski (2000), acrescentam ainda que é mais provável uma criança isolada vir a ser vitimizada pelos pares do que uma criança que apresenta um bom relacionamento com os amigos. Porém, Oh e os seus colaboradores (2008), afirmam que nem todas as crianças isoladas experienciam situações de exclusão ou vitimização (Oh, Rubin, Bowker, Booth-LaForce, Rose-Krasnor & Laursen, 2008). Diversos autores referem que nem todas as crianças e adolescentes têm os mesmos motivos e razões que os levam a viver isoladas e muitas vezes numa enorme solidão. A criança que é retraída socialmente pode ser rejeitada

pelos seus pares pela ansiedade social ou porque o seu comportamento é visto como sendo nocivo para o próprio grupo (Wang, Rubin, Laursen, Booth-LaForce & Rose-Krasnor, 2013; Rubin, Coplan & Bowker, 2009). Embora o resultado comum seja o retraimento ou isolamento social, Younger e Daniels (1992), corroboram com as ideias de Wang et al. (2013), referindo que as razões para a solidão sejam muitas vezes diferentes.

Alguns indivíduos passam longos períodos do dia isolados talvez porque muitas vezes essas pessoas têm uma enorme necessidade de estarem sozinhos. Em contrapartida, existem crianças/adolescentes que estão isolados não porque querem mas porque são rejeitados pelos outros em quase todas as actividades ou momentos sociais. Nestas situações, o retraimento social pode refletir enormes dificuldades de natureza social e emocional (Rubin, Coplan & Bowker, 2009). Para Rubin e Coplan (2004; Asendorpf, 1990), o retraimento social descreve duas causas possíveis para as crianças se retraírem. Por um lado, os autores referem que o retraimento social pode ser definido pela constante preferência de algumas crianças em brincar sozinhas, por outro, afirmam que o retraimento social está associado ao medo ou à ansiedade social (Rubin & Coplan, 2004; Gazelle & Rudolph, 2004).

É importante ter em conta que é cada vez mais difícil distinguir retraimento de isolamento social mas que é essencial considerar os dois conceitos de forma distinta. Enquanto, inicialmente, algumas crianças retraídas por preferência afastam-se da interação social, com o tempo as mesmas podem vir a ser excluídas pelo grupo de pares (Rubin, Coplan & Bowker, 2009). Esta necessidade de distinguir isolamento de retraimento social emerge devido ao facto da “solidão ter muitas faces com diferentes significados psicológicos” (Rubin & Mills, 1988).

Quando a retirada é causada pela própria criança/adolescente e está relacionada com fatores internos do próprio indivíduo, como por exemplo ansiedade, timidez e hipersensibilidade, fala-se de retraimento social, onde há uma retirada passiva do grupo de pares (Rubin & Mills, 1988; Rubin, Wojslawowicz, Rose-Krasnor, Booth-LaForce & Burgess, 2006). Neste caso, quando as crianças/adolescentes decidem participar nas diversas atividades grupais são bem aceites pelos amigos e acabam por conseguir estabelecer relações de amizade (Rubin, Coplan & Bowker, 2009). O retraimento social é um reflexo comportamental de diferentes sentimentos de insegurança, medo, ansiedade e pensamentos negativos sobre as competências sociais de cada um (Bowker, Rubin & Coplan, 2010). É

visto como consequência de fatores internos como ansiedade, baixa auto-estima e dificuldades na interações e relações sociais (Rubin & Asendorpf, 1993).

No isolamento ativo, há uma rejeição do grupo de pares e vitimização, forçando a criança/adolescente a isolar-se e a ficar cada vez mais afastada das atividades do próprio grupo, das conversas, e das brincadeiras. Este tipo de isolamento e esta rejeição estão relacionados com fatores externos (Rubin & Coplan, 2004; Gazelle & Ladd, 2003; Gazelle & Rudolph, 2004). Nestas situações, a agressividade, a imaturidade e impulsividade são, na maior parte das vezes, a causa desta rejeição (Rubin & Mills, 1988; Rubin, Bukowski & Parker, 2006).

Rubin, Coplan e Bowker (2009), acrescentam ainda um terceiro tipo de isolamento que não tem a ver com os fatores externos ou internos do indivíduo mas sim com a preferência por determinadas atividades que as crianças/adolescentes escolhem. Durante a infância e o período da adolescência existem jovens que preferem estar sozinhos e escolhem atividades solitárias como é o caso de escrever ou pintar.

A timidez e a inibição são comportamentos típicos do retraimento social e são relativamente comuns em crianças pequenas. Como tal, as crianças que apresentam este tipo de comportamentos não vão ser vistas de forma negativa pelos seus pares. Na adolescência, esses mesmos comportamentos tornam-se cada vez mais notórios no grupo podendo, nessa altura, afetar as relações com os amigos (Rubin, 1985).

É no período da adolescência que os jovens começam, muitas vezes, a sentir a necessidade de estar sozinhos e a dar mais valor à sua privacidade (Bowker, Rubin & Coplan 2010). Neste sentido, é importante referir que algumas dificuldades que possam surgir nas crianças retraídas e tímidas quando tentam relacionar-se com os pares podem diminuir com a idade (Bowker & Raja, 2011). Por outro lado, o retraimento social pode representar um maior risco durante a adolescência, por ser um período marcado pela crescente interação entre os grupos de pares e pela representação que isso tem neles próprios (Asendorpf, 1990). Desta forma, Ladd (2006), afirma que a associação entre o retraimento social e a rejeição constante pelos pares aumenta com a idade. Uma criança retraída, tímida e insegura não desenvolve a capacidade em estabelecer relações de amizade e de interação e por conseguinte, torna-se cada vez mais ansioso e isolado do grupo de pares. É por esta razão que o retraimento social torna-se cada vez mais notável com a idade (Rubin, Coplan & Bowker, 2009).

Em determinadas situações, as crianças retraídas socialmente são vitimizadas e rejeitadas pelos seus pares quando tentam interagir com eles (Stewart & Rubin, 1995; cit. por Rubin, Coplan & Bowker, 2009) e são também, por vezes, detestados pelos grupos de crianças sociáveis (Oh, et al. 2008).

Apesar das dificuldades existentes nas crianças/adolescentes retraídos em fazer amigos e estar próximo do grupo de pares, cerca de 65% desses jovens têm um melhor amigo e cerca de 70% dessas amizades mantém-se durante todo o ano letivo (Rubin et al., 2008). No estudo de Hartup e Stevens (1997), cerca de 80% das crianças/adolescentes têm pelo menos um amigo do mesmo sexo na sua turma e escola. É possível então afirmar que, embora escassas, a maioria das crianças isoladas, também conseguem criar amizades. Para Rubin, Coplan & Bowker (2009), estas amizades são na maioria com outras crianças/adolescentes com características muito semelhantes.

No estudo de Rubin et al., (2008), as crianças retraídas que têm pelo menos um melhor amigo são vistos pelos seus pares como mais sociáveis comparativamente às crianças que não têm ninguém para brincar. Porém, para Bowker, Rubin e Coplan (2010), a ausência de amizade, a instabilidade nas relações sociais e a presença de um melhor amigo retraído são fatores de risco para as crianças retraídas socialmente.

Em síntese, quando o comportamento de uma criança/adolescente é visto pelo grupo de pares como sendo anormal ou que contraria muitas vezes as expectativas normativas relacionadas com a idade, a criança/adolescente está mais vulnerável a vivenciar momentos de rejeição e vitimização pelos grupos (Rubin, Coplan & Bowker, 2009). O isolamento social é então uma situação de extrema importância. Representa um padrão de respostas inibidor da aquisição de comportamentos adaptativos que pode, um dia mais tarde, provocar problemas de ajustamento durante toda a vida de um indivíduo (Strain, Kerr & Ragland, 1981, cit. por Carvalho, 2006).

1.3 Características das crianças e adolescentes socialmente retraídos/isolados

Quando se fala em isolamento ou retraimento social, fala-se também em crianças/adolescentes com características diferentes (Laursen & Hartl, 2013). A rejeição pelos

pares e a solidão está relacionada com o temperamento ou personalidade das crianças/adolescentes (Oh *et al.*, 2008). As crianças que são inibidas e tímidas apresentam uma maior dificuldade em estabelecer relações de amizade, em participar em atividades em grupo (Oh *et al.*, 2008; Coplan, Arbeau & Armer, 2008) e são consideradas alvos fáceis para a vitimização (Rubin, Coplan & Bowker, 2009). Para Schaefer *et al* (1986, cit por Carvalho, 2006), uma criança tímida, reservada, assustada e ausente na participação das atividades em grupo é uma criança isolada. Apesar dos jovens que são habitualmente tímidos apresentarem alguma dificuldade em lidar com os outros, ou partilharem algumas experiências com o grupo de pares, os jovens que são ao mesmo tempo tímidos e agressivos têm uma maior dificuldade em estabelecer relações com o grupo de pares porque esses comportamentos são vistos como desajustados acabando por não serem valorizados e conseqüentemente afastados pelo próprio grupo (Gazelle, 2008).

No estudo de Gazelle e Rudolph (2004), os autores verificaram que a maioria das crianças que eram retraídas e rejeitadas pelos pares gozavam de uma característica em comum: a ansiedade. Já Rubin e os seus colaboradores (2008), descobriram que as crianças retraídas apresentavam um comportamento mais agressivo e disruptivo. As crianças/adolescentes com um temperamento mais ansioso e mais instável estão sujeitas, mais vezes, a serem rejeitadas pelos seus pares (Stocker & Dunn, 1990). Hubbard e Coie (1994), referem que para as crianças/adolescentes é mais agradável estar rodeado de outros jovens alegres do que estar acompanhado por alguém que está triste ou com raiva. Os comportamentos disruptivos acompanhados por raiva afetam negativamente as habilidades sociais das crianças que posteriormente vão reduzir as suas relações sociais (Eisenberg, Fabes, Murphy, Shepard, Guthrie, Mazsk, Poulin & Jones, 1999). Goswick e Jones (1982), defendem que crianças com baixa auto-estima, jovens mais agressivos e com maior sensibilidade à rejeição têm uma maior dificuldade em estabelecer relações de amizade com os outros.

O isolamento social é cada vez maior em crianças/adolescentes que no seu dia-a-dia predominam comportamentos associados a emoções negativas (Fabes, Hanish, Martin & Eisenberg, 2002). Porém, algumas características particulares da criança/adolescente, como o aspeto físico por exemplo, podem contribuir para o isolamento ou retraimento social (Carvalho, 2006). Estas crianças são constantemente passadas despercebidas e ignoradas devido ao seu comportamento que na maioria das vezes não interfere com o trabalho dos professores e não causam problemas. O isolamento social é, no entanto, uma questão

importante pois afeta não só as interações entre os pares como também o bom ajustamento psicológico (Schaefer *et al.*, 1986, cit por Carvalho, 2006).

1.4 Consequências do Retraimento Social

Nos últimos anos, tornou-se cada vez mais claro que existem várias consequências associadas ao retraimento social, timidez e inibição na infância e na adolescência (Rubin, Coplan & Bowker, 2009). A criança que não tem qualquer tipo de interação com os pares nem nenhuma relação de amizade e é rejeitada pode estar em risco para um posterior desajuste (Rubin, Root & Bowker, 2010). Algumas formas de retraimento social são considerados, por muitos, como normais em algumas idades mas podem prever diversos desajustamentos noutras alturas da vida dessas crianças/adolescentes (Rubin & Mills, 1988). Rubin e Coplan (2004), referem também que os efeitos negativos do isolamento social que perduram ao longo do tempo são quase sempre irreversíveis e prejudiciais às crianças/adolescentes.

O retraimento social é então considerado como um importante fator de risco para o desajustamento psicossocial e está associado a uma baixa auto-estima, baixos níveis de competência social e a um aumento na ansiedade durante a infância e adolescência (Rubin & Asendorpf, 1993). Segundo Rubin e Mills (1988; Gazela & Rudolph, 2004; Rubin, Chen, McDougall, Bowker & McKinnon, 1995), o retraimento social está ligado a um grande número de dificuldades de adaptação emocional e interpessoal e será o resultado comportamental que reflete a internalização de problemas durante a infância. Em vários estudos foi demonstrado que o retraimento social na infância pode ter como consequência diversos problemas internalizados tais como a depressão, solidão e ansiedade que se irão manifestar durante a adolescência (Gazela & Rudolph, 2004; Gazela & Ladd, 2003; Rubin, Root & Bowker, 2010; Rubin *et al.*, 1995; Ruben & Mills, 1988). Os adolescentes retraídos referem que os níveis de stress e depressão são elevados e que este desajustamento psicológico afeta, em grande parte, o seu dia-a-dia (Coplan, Wilson, Frohlick & Zelenski, 2006).

Como já foi dito anteriormente, algumas formas de retraimento social são considerados, por muitos, como normais em algumas idades mas podem prever diversos desajustamentos noutras alturas da vida dessas crianças/adolescentes. A ausência ou pobreza

de relações de pares são uma manifestação de perturbação emocional que, se não for tratada, pode mais tarde ter consequências mais graves. Além disso, as dificuldades no estabelecimento de relações de amizade são consideradas como preditores do desajustamento psicológico (Rubin & Mills, 1988). Num estudo longitudinal, Parker e Asher (1987), verificaram que a agressão e a rejeição pelos pares na infância são fatores de risco para o comportamento anti-social, abandono escolar e perturbações ao nível da saúde mental. Também Coie (1985, cit. por Rubin & Mills, 1988), afirma que há uma forte evidência de que a agressividade e a rejeição dos pares são bons preditivos de fracos resultados socio-emocionais na adolescência.

No estudo longitudinal de Rubin, Hymel e Mills (1989), os autores verificaram que as crianças de sete anos de idade que já eram retraídas socialmente, relataram ter baixa auto-estima e sentimentos de solidão três anos mais tarde. Mais tarde, em 1995, foi feito um novo estudo onde os resultados demonstraram que o retraimento social, aos sete anos de idade previu a baixa auto-estima, a solidão e elevados níveis de depressão aos catorze anos (Rubin *et al.*, 1995).

Strain *et al.*, (1981, cit. por Carvalho, 2009), afirmam que muitos adultos, que nos dias de hoje necessitam de acompanhamento psiquiátrico, foram anteriormente crianças isoladas e tímidas.

1.5 Diferenças de Género no Retraimento Social

Rubin, Coplan e Bowker (2009), defendem que há pouca evidência para afirmar que há diferenças de sexo na prevalência ou frequência de retraimento ou isolamento social na infância e adolescência. Porém, num estudo dos autores, foi verificado que esse padrão comportamental tem uma maior prevalência nos rapazes.

Em mais dois estudos sobre as diferenças de género, os resultados evidenciaram que os rapazes retraídos e tímidos são mais propensos a virem a ser rejeitados ou excluídos pelos pares do que as raparigas retraídas e tímidas (Coplan, Prakash, O'Neil & Armer, 2004; Gazela & Ladd, 2003). É possível afirmar ainda que os rapazes retraídos socialmente apresentam

comportamentos mais solitários, têm menos habilidades sociais e mais baixa auto-estima que as raparigas da sua idade (Rubin & Asendorpf, 1993).

Contudo, apesar da maioria dos estudos feitos até aos dias de hoje evidenciarem que o retraimento social, prejudica mais o desajustamento emocional nos rapazes do que nas raparigas, existem outras investigações que demonstram que as meninas apresentam uma maior vulnerabilidade nesta temática (Nunes, Faraco & Vieira, 2012). No estudo de Benenson e Health, os resultados corroboram com esta ideia e comprovam que enquanto os rapazes manifestam com mais frequência um comportamento retraído na relação com uma outra criança, ou numa atividade que envolva apenas um outro amigo, as raparigas retraem-se mais do que rapazes nas relações com os pares ou em atividades grupais (2006, cit. por Nunes, Faraco & Vieira, 2012).

Nas sociedades ocidentais, o retraimento social parece ser menos aceitável para os rapazes do que para as raparigas (Sadker & Sadker, 1994 cit. por Rubin, Coplan & Bowker, 2009). Os resultados deste estudo podem ser explicados pela forma como os pais representam a ideia de retraimento social. Este é um fator importante porque nas sociedades ocidentais, os pais tendem a representar o sexo masculino como sendo o mais forte, e veem o sexo feminino como mais frágil e vulnerável. De acordo com estas ideias, os pais toleram e aceitam melhor o retraimento social nas raparigas (Rubin, Coplan & Bowker, 2009).

1.6 Estabilidade do Retraimento Social

Quando se fala em estabilidade ou em diferentes trajetórias do retraimento social deparamo-nos com uma enorme escassez de estudos que se foquem nesta temática e que abordem as questões relacionadas com a heterogeneidade do desenvolvimento deste conceito (Oh, *et al.*, 2008). No entanto, vários autores têm abordado a questão da estabilidade do retraimento social. Segundo Rubin, Hymel e Mills (1989), os resultados dos diversos estudos sobre a estabilidade no retraimento social são muito diferentes devido às medidas utilizadas, às idades e aos níveis sócio-económicos das crianças estudadas.

Hymel, Rubin, Rowden e LeMare (1990) num estudo longitudinal demonstraram que o retraimento social tende a ser moderadamente estável desde o início da infância até à idade escolar. Também Rubin *et al.*, (1989), verificaram que nesta mesma faixa etária, o fenómeno da retirada social tem uma trajetória semelhante ao estudo referido anteriormente. Mais tarde, em 1995, os resultados de uma nova investigação do Projeto Longitudinal Waterloo, demonstraram que as crianças com 5 anos que eram socialmente retiradas mantinham a sua reputação aos 9 anos de idade (Rubin *et al.*, 1995). O retraimento social foi também estudado e observado em pré-adolescentes. Schneider e os seus colaboradores (1998) avaliaram as trajetórias deste fenómeno no final da infância e verificaram que o retraimento social é novamente estável do final da infância até à adolescência precoce (Schneider, Younger, Smith & Freeman, 1998). Também Rubin *et al.*, (1995), demonstraram empiricamente estes mesmos resultados entre os períodos da idade escolar e da adolescência.

Alguns pesquisadores demonstraram que nem todas as crianças socialmente retraídas experienciam dificuldades psicossociais e emocionais ou continuam a ser retiradas socialmente ao longo do tempo. Por exemplo, Gazelle e Rudolph (2004), demonstraram que as dificuldades nas relações com os pares ou mesmo a ausência de relação podem alterar as trajetórias longitudinais do retraimento. Os autores afirmam que as crianças que estão socialmente retiradas podem desenvolver trajetórias distintas dependendo do grau em que estas mesmas crianças experimentam a exclusão do grupo de pares.

Booth-LaForce e Oxford (2006, cit. por Oh, *et al.*, 2008), num estudo longitudinal sobre o isolamento social, verificaram diferentes tipos de trajetórias desde a infância até ao início da adolescência. Os autores observaram que as crianças que eram mais retiradas ao longo do tempo, em comparação com aquelas que o retraimento diminuía ou que nunca foram retiradas, eram mais solitárias, deprimidas, vitimizadas e mais excluídas pelo grupo de pares.

Schneider, Richard, Younger e Freeman (2000), realizaram também um estudo com o objetivo de determinar a estabilidade do retraimento social em crianças canadianas com 5 anos de idade. Os autores verificaram que mais uma vez, a estabilidade tende a ser relativamente estável ao longo dos dois anos avaliados.

Segundo Bowker, Rubin, Rose-Krasnor e Booth-LaForce (2008), as crianças em idade escolar que são mais desreguladas emocionalmente têm mais tendência a apresentar dificuldades sociais com o grupo de pares assim como uma maior estabilidade ao nível do retraimento social. Gazelle e Ladd (2003; Gazelle & Rudolph, 2004), afirmam também que as

dificuldades nas relações sociais e nas interações com os pares influenciam as trajetórias do retraimento social das crianças e adolescentes, na medida em que elevados níveis de rejeição e exclusão podem determinar e contribuir para um aumento, diminuição ou manutenção dos níveis de retraimento ao longo do tempo.

1.7 Objetivo

De acordo com a revisão de literatura realizada anteriormente surgiu o interesse e a necessidade de aprofundar algumas questões relativamente ao fenómeno do Retraimento Social nomeadamente sobre a estabilidade na reputação social num grupo de adolescentes em dois anos letivos. Torna-se também pertinente identificar, em ambos os momentos, os adolescentes retraídos e agressivos permitindo uma melhor compreensão sobre este fenómeno. É igualmente importante verificar se existem e como se manifestam as diferenças entre os sexos, relativamente à estabilidade no retraimento social, sendo por isso outro grande objetivo do nosso estudo.

2. MÉTODOLOGIA

2.1 Participantes

Participaram neste estudo longitudinal 452 jovens adolescentes (227 do sexo feminino) com uma média de idades de 13 anos ($M= 13.24$ anos; $D.P.= 1.697$), pertencentes aos 7º e 8º anos de escolaridade de 3 escolas da área da Grande Lisboa.

2.2 Instrumentos

O *Revised Class Play* foi desenvolvido por Masten, Morison e Pellegrini (1985), tendo como objectivo inicial avaliar os diversos domínios das relações entre os pares e consequentemente estuda também o fenómeno da Retirada Social. Ao longo do tempo, o RCP sofreu algumas alterações tanto a nível de objetivos como de constituição.

Mais tarde, a partir do RCP, Burgess, Rubin, Wojslawowicz, Rose-Krasnor, e Booth (2003), desenvolveram o *Extended Class Play* (ECP). É um instrumento com 37 itens que tem como principal objectivo compreender de forma mais aprofundada a diferenciação entre os vários comportamentos sociais que se pode observar nas relações de pares. Esta versão do ECP continha 5 dimensões distintas: Agressividade; Retirada Social/Timidez; Vitimização/Exclusão; Comportamento Prosocial; Sociabilidade. Neste questionário, é pedido a cada aluno que se coloque no papel de encenador de uma peça de teatro ou de um realizador de cinema e que escolha o elenco para representar 37 papéis distintos. Cada aluno deverá nomear o colega do sexo feminino e do sexo masculino da sua turma que melhor se adapta a cada papel. É ainda importante esclarecer que não se devem nomear a si próprios, mas no caso de isso acontecer devem escolher outro colega do mesmo sexo para representar também esse papel.

Já em 2010, Menzer, Oh, McDonald, Rubin e Dashiell-Aje procuraram separar o fator de Vitimização/Exclusão em duas dimensões diferenciadas. Desta alteração resultou então um instrumento agora composto por 6 fatores distintos e com boa consistência interna: Agressividade (9 itens; $\alpha = 0.86$); Timidez/Retirada Social (6 itens; $\alpha = 0.78$); Comportamento Prosocial (6 itens; $\alpha = 0.84$); Sociabilidade (5 itens; $\alpha = 0.77$); Vitimização (3 itens; $\alpha = 0.87$); e Exclusão (3 itens; $\alpha = 0.86$).

Por fim, Correia, Santos, Freitas, Rosado e Rubin (2014), num estudo sobre as relações entre pares de jovens adolescentes socialmente retirados não só testou este modelo hexafatorial do ECP numa amostra de adolescentes portugueses como também validou e adaptou este instrumento para a nossa população. Relativamente às suas qualidades métricas, os autores verificaram que a fiabilidade composta dos fatores é elevada, sendo de 0.90 para a “Agressividade”, 0.80 para a “Retirada Social”, 0.79 para “Comportamento Prosocial”, 0.77 para a “Sociabilidade”, 0.81 para “Exclusão” e 0.93 para a “Vitimização”. Em relação à validade do instrumento, de acordo com Correia et al., (2014), o ECP apresenta uma adequada validade discriminativa e convergente.

2.3 Procedimento

Este estudo está inserido no projeto de investigação longitudinal, que tem como título “Relações de amizade, e com a família, nas trajetórias de isolamento social em jovens adolescentes”, desenvolvido pela Unidade de Investigação em Psicologia Cognitiva, do Desenvolvimento e da Educação (UIPCDE – Linha1: Psicologia do Desenvolvimento).

No âmbito da referida investigação e com o objetivo de obter a autorização para a recolha de dados, realizou-se um primeiro contacto com duas escolas da região da Grande Lisboa para esclarecer os diferentes objetivos do estudo e os seus procedimentos.

Após o consentimento por parte das Direções de ambas as escolas e a respetiva calendarização das primeiras visitas, foram entregues aos encarregados de educação, envelopes com um folheto informativo sobre o presente estudo longitudinal e os respetivos pedidos de autorização para que cada criança pudesse participar na recolha de dados, essencial para este projeto. Posteriormente, e já com todas as aprovações e consentimentos procedeu-se à administração do instrumento.

A recolha dos diversos dados foi realizada na sala-de-aula e foi administrada em grupo com uma duração de aproximadamente 45 minutos. Inicialmente foi explicado a todos os alunos que participaram no estudo que as suas respostas eram totalmente confidenciais, que nenhuma resposta era considerada certa ou errada e ainda que não deveriam partilhar as suas respostas com os colegas. Os dois membros da equipa que acompanharam as diferentes sessões de recolha de dados explicaram aos alunos como deveriam preencher o questionário

ECP – *Extended Class Play*. Referiram que cada aluno devia imaginar que era um realizador de cinema e que tinha que escolher os personagens para o seu próximo filme. Acrescentaram que deviam imaginar também que todos os colegas de turma eram atores mais ou menos famosos e que comesassem, por exemplo, por escolher, quais deles, um rapaz e uma rapariga se encaixavam melhor no papel de “O/A mais alto/a”. Finalizaram a instrução explicando que deviam escolher todos os autores para as personagens dos filmes e que tinham que preencher todos os papéis sem esquecer nenhum.

3. RESULTADOS

A análise estatística foi organizada de modo a permitir responder às questões de investigação que haviam sido previamente colocadas. Tendo em consideração os objetivos deste estudo, para a análise dos dados, foi utilizada estatística descritiva (média, desvio-padrão) com o intuito de caracterizar os participantes desta investigação. Para averiguar o tipo e o grau de associação entre as diferentes variáveis utilizou-se a análise de Correlação de Pearson.

Todas as análises foram efetuadas com recurso ao software *PASW Statistics* (v.19, SPSS Inc., Chicago), para um nível de significância (α) de 0.05.

A tabela 1 apresenta as correlações entre as variáveis do ECP nos momentos 1 e 2 dos 452 jovens avaliados. Os resultados revelam uma estabilidade moderada e forte entre os momentos 1 e 2 em todas as dimensões, nomeadamente no retraimento social ($r = .63$, $p < 0.01$), exclusão ($r = .62$, $p < 0.01$), vitimização ($r = .59$, $p < 0.01$), agressividade ($r = .57$, $p < 0.01$), comportamento pró-social ($r = .51$, $p < 0.01$) e socialização ($r = .37$, $p < 0.01$).

Para averiguar a existência de possíveis diferenças de género na estabilidade das diferentes dimensões da reputação social dos adolescentes, utilizou-se novamente uma análise de Correlação de Pearson. Através dos resultados obtidos é possível verificar que nas dimensões retraimento social ($r = .65$, $p < 0.01$) e exclusão ($r = .64$, $p < 0.01$) os valores das correlações são mais elevadas nas raparigas, apesar da diferença não ser muito significativa. Contudo, o sexo masculino revelou-se mais estável nas dimensões vitimização ($r = .64$, $p < 0.01$), comportamento pró-social ($r = .61$, $p < 0.01$) e socialização ($r = .44$, $p < 0.01$). Finalmente, na dimensão agressividade ($r = .57$, $p < 0.01$), os valores da correlação foram muito próximos em ambos os sexos, revelando uma estabilidade semelhante tanto nas raparigas como nos rapazes.

Tabela 1: Correlações das diferentes dimensões em função do género

Dimensões	Correlação	
	Raparigas	Rapazes
Agressividade	0,571**	0,568**
Retraimento Social	0,652**	0,601**
Exclusão	0,642**	0,601**
Vitimização	0,532**	0,643**
Comportamento Pró-Social	0,385**	0,614**
Socialização	0,307**	0,438**

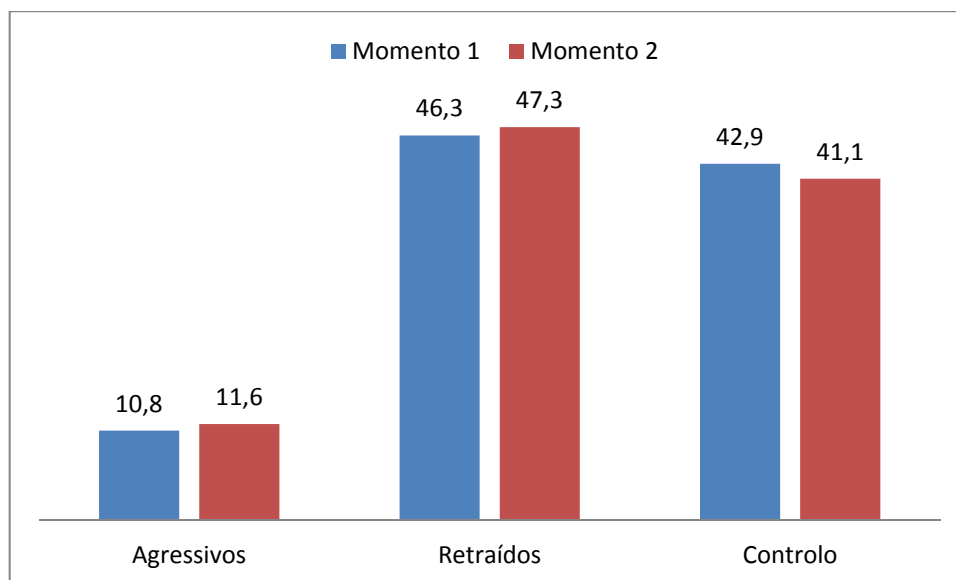
Nota: ** Valores significativos para $p < 0.01$

Identificação dos Adolescentes Isolados-Retraídos e Adolescentes Isolados-Agressivos nos Momentos 1 e 2 e a sua Estabilidade

Com base no estudo de Correia, Santos, Freitas, Rosado e Rubin (2014), foram então identificados os adolescentes isolados-retraídos, isolados-agressivos e um grupo de controlo em ambos os momentos, através dos scores do ECP. Os adolescentes isolados-retraídos foram selecionados como sendo aqueles com valores de Timidez/Retirada Social nos 33% superiores, ou aproximadamente um desvio-padrão acima da média, e com os valores da dimensão de Agressividade abaixo da mediana. O grupo de adolescentes isolados-agressivos foi selecionado através dos valores de Timidez/Retirada Social e de agressividade nos 33% superiores, ou aproximadamente um desvio-padrão acima da média. O grupo de controlo é composto por adolescentes cujos valores de Agressividade e Timidez/Retirada Social se encontram abaixo das respetivas medianas.

Na nossa amostra, mais precisamente no momento 1, foram identificados 175 adolescentes com perfil de isolados-retraídos, 41 com o perfil de isolados-agressivos e um grupo de controlo de 162 adolescentes. Por outro lado, no momento 2, foram identificados 106 adolescentes com perfil de isolados-retraídos, 26 com o perfil de isolados-agressivos e um grupo de controlo de 92 adolescentes. A figura seguinte ilustra, com mais clareza, as respetivas percentagens.

Figura 1 – Percentagem de adolescentes Agressivos, Retraídos e Grupo de Controlo no momento 1 e no momento 2



Através da identificação dos respetivos grupos de adolescentes, Retraídos e Agressivos nos momentos 1 e 2 é possível analisar quais destes jovens eram em ambos os momentos adolescentes Agressivos e adolescentes Retraídos. Desta forma, verificou-se que 45,1% dos jovens que inicialmente eram considerados isolados retraídos mantinham essa mesma reputação social no segundo momento. Ainda na mesma linha de pensamento, é possível observar que 2,3% dos jovens que eram vistos como sendo adolescentes isolados agressivos no momento 1 eram também isolados agressivos no momento 2. Relativamente ao grupo de controlo, 14% dos adolescentes que pertenciam a este grupo de jovens mantinham também esta reputação no segundo momento de avaliação. Posto isto é possível verificar que relativamente à estabilidade da reputação social, o grupo de adolescentes isolados retraídos é significativamente mais estável do que qualquer outro grupo.

Para uma compreensão mais clara das diferentes percentagens é importante realçar que relativamente ao primeiro momento, 63,2% dos jovens eram considerados isolados retraídos, apenas 7,5% eram considerados isolados agressivos e 29,3% dos jovens pertenciam ao grupo de controlo. Fazendo uma análise mais pormenorizada sobre os adolescentes que eram considerados isolados retraídos no momento 1, é curioso salientar que no segundo momento

7,1% desses mesmos jovens passaram agora a ser considerados adolescentes isolados agressivos e 21,4% eram agora jovens pertencentes ao grupo de controlo. Relativamente aos adolescentes que eram considerados isolados agressivos no momento 1, 50% eram no segundo momento adolescentes isolados retraídos e 20% passaram a fazer parte do grupo de controlo. Por último, 38,5% dos jovens que eram inicialmente pertencentes ao grupo de controlo passaram, no segundo momento, a ser considerados adolescentes isolados retraídos e 12,8% adolescentes isolados agressivos. A tabela 2 seguinte demonstra com mais clareza os resultados anteriormente apresentados.

Tabela 2: Evolução da reputação social dos 3 grupos de adolescentes de acordo com o questionário ECP

		Momento 2			Total
		Isolados Retraídos	Isolados Agressivos	Controlo	
Momento 1	Isolados Retraídos	60	6	18	84
	Isolados Agressivos	5	3	2	10
	Controlo	15	5	19	39
	Total	80	14	39	133

4. DISCUSSÃO

Tem sido notória a importância e o interesse em estudar e aprofundar algumas questões acerca do fenômeno do retraimento social, mas o número de estudos portugueses que se focam na estabilidade deste conceito no período da adolescência é ainda muito escasso, tornando-se pertinente a realização desta investigação.

Um dos objetivos deste estudo era perceber como variava a estabilidade na reputação social num grupo de adolescentes em dois anos letivos. Os resultados revelaram uma estabilidade moderada e forte entre os dois momentos avaliados em todas as dimensões do instrumento utilizado.

Apesar de termos verificado uma enorme escassez de estudos sobre este conceito e esta problemática, alguns autores corroboram com os resultados encontrados acerca da estabilidade do retraimento social. Schneider, Younger, Smith e Freeman (1998), verificaram as trajetórias do retraimento social nos pré-adolescentes e os resultados vão ao encontro do nosso estudo. Os autores demonstraram que o retraimento social é estável do final da infância até à adolescência precoce.

Apesar de ser em faixas etárias diferentes do presente estudo, Hymel, Rubin, Rowden e LeMare (1990), verificaram que o retraimento social tende a ser moderadamente estável desde o início da infância até à idade escolar. Ainda na mesma linha de pensamento, Rubin et al., (1995) na investigação do Projeto Longitudinal Waterloo verificaram resultados semelhantes em crianças com 5 anos. Os autores afirmaram que estas crianças que eram socialmente retiradas mantinham a sua reputação social nos 4 anos posteriores. Mais tarde, em 2000, Schneider, Richard, Younger e Freeman verificaram como variava a estabilidade do retraimento social em crianças com 5 anos e observaram que também neste estudo, a estabilidade tende a ser relativamente estável ao longo de dois anos consecutivos, o que vai ao encontro dos resultados encontrados no presente estudo, apesar de avaliar faixas etárias distintas.

Depois de observar os resultados do primeiro objetivo desta investigação, é importante tentar compreender o porquê desta estabilidade moderada e forte. Porque é que estes jovens mantêm a sua reputação social ao longo de dois anos letivos? Porque é que o retraimento social é estável durante este intervalo de tempo? Como já foi referido previamente neste

estudo, é possível distinguir diversos tipos de isolamento social. Por um lado existem crianças e adolescentes com comportamentos agressivos que tendem a ser excluídas pelos outros e por outro são as próprias crianças que se isolam da interação com o grupo de pares de forma consistente ao longo do tempo. Através da literatura e de outras investigações anteriormente realizadas, podemos pensar que as características dos próprios jovens retraídos influenciam ativamente este fenómeno do retraimento social.

Rubin et al., (2006), referem que o comportamento ansioso, inseguro e tímido dos jovens socialmente retirados não acrescentam nada de positivo ao grupo de pares e talvez por isso mantenham estes pré-adolescentes fora do contexto social e das diversas atividades do próprio grupo. Uma das razões que parece justificar esta estabilidade está então relacionada com o facto de alguns pré-adolescentes, por um lado quererem muito interagir com os pares, mas por outro não conseguirem uma aproximação devido à elevada ansiedade e receio de serem excluídos. Relativamente a este tipo de comportamento, alguns autores chegam mesmo a dizer que as crianças devido à elevada timidez e ansiedade evitam de forma consecutiva a aproximação ao grupo de pares apesar de em inúmeros momentos apresentarem elevadas motivações de aproximação (Rubin & Burgess, 2001; Rubin & Coplan, 2004).

Mas a ansiedade não é, de todo, o único motivo que leva estas crianças a isolarem-se e a serem rejeitadas. A agressividade, como já foi referido anteriormente é outra justificação para este tipo de comportamento. Pepler, Craig e Roberts (1995), por exemplo, referem que as crianças que aos 8 anos são descritas como sendo crianças com inúmeros comportamentos agressivos apresentam uma probabilidade elevada de continuar no mesmo tipo de registo de comportamento, no decorrer da sua vida. Também Parker e Asher (1987) afirmam que devido ao comportamento agressivo e impulsivo de determinadas crianças e adolescentes, estas mesmas tendem a ser excluídas do seu grupo ficando isoladas socialmente, contribuindo para a perseveração deste tipo de comportamento agressivo.

Contudo, nem todos os jovens apresentam as mesmas características e desajustamentos sociais. Podemos pensar que neste grupo de pré-adolescentes nem todos funcionam como os descritos anteriormente. Asendorpf (1990), por exemplo, explica que há ainda uma percentagem de crianças que preferem a solidão e que por essa mesma razão acabam por evitar qualquer interação com os pares.

Posto isto, podemos pensar que há um leque variadíssimo de razões, possíveis justificações e características que podem influenciar as diferentes trajetórias do retraimento

social e conseqüentemente a sua estabilidade, como por exemplo o medo, a ansiedade, a preferência pela solidão e ainda a agressividade.

Relativamente aos resultados obtidos acerca das diferenças de género na estabilidade das diferentes dimensões da reputação social dos adolescentes é curioso realçar que as raparigas revelaram uma maior estabilidade na dimensão “Retraimento Social”. Este resultado parece contrariar a ideia de que o retraimento social é mais aceitável e tolerado para as raparigas acarretando menos riscos de ajustamento futuro (Rubin et al., 2009; Nelson et al., 2005; Rubin et al., 1993). Contudo, o sexo feminino revelou ser novamente mais estável do que os rapazes no que respeita à dimensão “Exclusão”. Desta vez, os resultados parecem ir ao encontro do estudo de Correia et al., (2014) que indica que as raparigas retiradas tendem a ser mais excluídas.

Por outro lado, os rapazes revelaram uma maior estabilidade nas dimensões “Vitimização”, “Comportamento Pró-Social” e “Socialização”. Relativamente às duas últimas dimensões, estes resultados corroboram com os estudos feitos anteriormente que revelam que as raparigas são consideradas menos sociáveis do que os rapazes (Correia et al., 2014). Contudo, a dimensão “Agressividade” revelou-se igualmente estável em ambos os sexos. Através da literatura e das investigações realizadas ao longo do tempo, é possível constatar que a agressividade é mais aceitável e tolerada nos rapazes (Rose & Smith, 2009; Rubin, Bukowski & Parker, 2006), o que parece não ir ao encontro dos resultados aqui apresentados relativamente a esta dimensão. Assim, é importante e necessário continuar a perceber como variam estas diferenças de género não só por quase todos os estudos terem sido realizados com crianças e não com adolescentes mas também por existirem outros estudos que não encontraram estas mesmas diferenças e associações (Gazelle & Rudolph, 2004).

Um outro objetivo desta investigação era identificar, em dois momentos distintos, os adolescentes isolados-retraídos e os adolescentes isolados-agressivos, permitindo uma melhor compreensão sobre a estabilidade nos dois grupos identificados. Verificou-se que o grupo de adolescentes isolados-retraídos é mais estável do que o grupo de adolescentes isolados-agressivos. Devido à escassez de estudos acerca da estabilidade do retraimento social não é possível comparar estes resultados com outros realizados anteriormente. Porém, é possível apenas especular e tentar compreender este fenómeno à luz de outras investigações relacionadas com esta temática.

Num estudo recente acerca do isolamento social e o sentimento de solidão em jovens adolescentes, os autores verificaram que os adolescentes isolados-retraídos foram aqueles que relataram valores mais baixos na integração e na intimidade com os pares (Ferreira, Santos, Ribeiro, Freitas, Correia & Rubin, 2013). Estes resultados podem ir ao encontro com os encontrados no presente estudo na medida em que a falta de intimidade e integração influenciam a proximidade a um grupo de pares, não permitindo uma interação positiva com outras crianças e adolescentes (Coley, 1902), e talvez por isso leve a que o retraimento social deste grupo de jovens isolados-retraídos seja mais estável.

Contudo, apesar do grupo de adolescentes isolados-retraídos ser mais estável que o grupo de isolados-agressivos é interessante tentar perceber o motivo pelo qual alguns pré-adolescentes, no segundo momento, deixaram de ser considerados isolados-retraídos e passaram a fazer parte do grupo de pré-adolescentes isolados-agressivos e vice-versa. Infelizmente não podemos assegurar, com certeza, a causa desta mudança, mas podemos especular e tentar compreendê-la. Os resultados deste estudo revelam que 50% dos pré-adolescentes isolados-agressivos eram considerados, no segundo momento, isolados-retraídos. Rubin e Coplan (2004), explicam que as crianças isoladas-agressivas apresentam não só comportamentos socialmente inaceitáveis como a agressividade, a imaturidade e a impulsividade, mas também revelam fracas capacidades sociais. Estas crianças, no segundo momento avaliativo, podem eventualmente ter alterado alguns comportamentos menos aceites socialmente, terem ganho alguma maturidade mas por não apresentarem capacidades sociais e não revelarem qualquer tipo de intimidade com os pares sejam considerados isolados-retraídos no segundo momento.

Um outro fator que pode explicar esta mudança é que as crianças agressivas que deixam de apresentar essa característica têm uma maior tendência em iniciar relações de amizade com crianças não agressivas, pois estes últimos parecem conseguir atenuar esse comportamento (Crick, Murray-Close, Marks & Mohajeri-Nelson, 2009). De facto, é sabido que as crianças retiradas, apesar de não apresentarem um leque variado de amigos e de serem excluídos de forma constante, conseguem estabelecer pelo menos uma melhor amizade (Ladd & Burgess, 1999). Neste caso específico, podemos especular que alguns destes jovens isolados-agressivos possam ter estabelecido laços com pré-adolescentes isolados-retraídos e que o comportamento agressivo tenha sido atenuado. Tal como refere Rubin e os seus colaboradores, os adolescentes socialmente retirados, apesar de não apresentarem competências sociais suficientes para se relacionarem com pares mais ajustados do ponto de

vista social, conseguem por vezes estabelecer amizades com jovens que também partilham de diversas dificuldades psicossociais (Rubin et al., 2006).

Ao longo da realização do presente estudo foram surgindo algumas limitações que se revelaram importantes em diversos momentos da investigação. No que diz respeito às características da amostra, mais concretamente à faixa etária escolhida na realização das diversas investigações, o retraimento social tem sido maioritariamente estudado em crianças e poucos são os estudos efetuados a adolescentes. Sendo este um estudo dedicado a pré-adolescentes, sentiu-se de forma acentuada a enorme escassez de estudos que possam corroborar ou não os diversos resultados encontrados e conseqüentemente justificar algumas conclusões retiradas nesta investigação. Posto isto, seria importante continuar a realizar investigações longitudinais com faixas etárias semelhantes para que de certa forma se consiga compreender melhor este fenómeno e conseqüentemente as suas implicações nos adolescentes.

É igualmente necessário outras investigações longitudinais que estudem, por exemplo a qualidade da relação de amizade que os jovens isolados-retraídos e os jovens isolados-agressivos estabelecem entre si, para que de certa forma se consiga compreender melhor o motivo que os leva a modificar as suas trajetórias ao longo do tempo. Mais uma vez, a escassez de estudos que abordam esta temática levou a que fosse uma limitação na presente investigação.

De acordo com os factos verificados através da revisão de literatura realizada para este estudo, seria interessante avaliar o fenómeno da retirada social associada a dificuldades de internalização tais como a depressão, ansiedade e solidão visto que em Portugal são raras ou quase inexistentes as investigações que se dedicam a compreender o impacto do retraimento social no ajustamento intrapessoal.

É igualmente importante continuar a utilizar o Extended Class Play com a sua mais recente estrutura hexafatorial (Correia et al., 2014), permitindo não só uma maior diferenciação entre diferentes tipos de agressividade e isolamento social como também a distinção entre o fenómeno da exclusão do da vitimização. As futuras investigações longitudinais deste tipo irão permitir uma melhor compreensão do retraimento social nas crianças e adolescentes do nosso país.

Concluindo, os resultados obtidos neste estudo são importantes e podem suscitar muitos pontos de interesse para futuras investigações que irão contribuir para aprofundar algumas questões que ainda existem sobre o retraimento social nesta faixa etária. Contudo, existem ainda muitas dúvidas acerca desta temática que devem ser exploradas na realidade portuguesa.

5. REFERÊNCIAS

- Asendorpf, J. B. (1990). Development of inhibition during childhood: Evidence for situational specificity and a two-factor model. *Developmental Psychology*, 26 (5), 721-730.
- Bagwell, C. L., Newcomb, A. F., & Bukowski, W. M. (1998). Preadolescent friendship and peer rejection as predictors of adult adjustment. *Child Development*, 69(1), 140-153.
- Blos, P. (1997). *Transição adolescente*. Porto Alegre: Artes Médicas
- Boivin, M., Hymel, S., & Bukowski, W. (1995). The roles of social withdrawal, peer rejection, and victimization by peers in predicting loneliness and depressed mood in childhood. *Development and Psychopathology*, 7, 765–785.
- Bowker, J. C. & Raja, R. (2011). Social withdrawal subtypes during early adolescence in india. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 39, 201-212.
- Bowker, J. C., Rubin, K. H., Rose-Krasnor, L., & Booth-LaForce, C. (2008). Social withdrawal, negative emotion, and peer difficulties during late childhood. Unpublished manuscript.
- Bowker, J., Rubin, K. H. & Coplan, R. J. (2010). Social withdrawal in adolescence. In Levesque, R. J. R. (Ed.). *Encyclopedia of adolescence*. New York: Springer
- Brendgen, M., Vitaro, F. & Bukowski, W. M. (2000). Deviant friends and early adolescents' emotional and behavioral adjustment. *Journal of Research on Adolescence*, 10 (2), 173-189.
- Burgess, K. B., Rubin, K. H., Wojslawowicz, J. C., Rose-Krasnor, L. & Booth-LaForce, C. (2003). *The “Extended Class Play”*: A longitudinal study of its factor structure, reliability, and validity. Presented at the biennial meeting of the society for Research in Child Development. Tampa. FL

- Carvalho, R. G. G. (2006). Isolamento social nas crianças: propostas de intervenção cognitivo-comportamental. *Revista Iberoamericana de Educación*, 40 (3), 1-12.
- Coplan, R. J., Arbeau, K. A. & Armer, M. (2008). Don't fret, be supportive! Maternal characteristics linking child shyness to psychosocial and school adjustment in kindergarten. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 36, 359-371.
- Coplan, R. J., Prakash, K., O'Neil, K. & Armer, M. (2004). Do you "want" to play? between conflicted-shyness and social disinterest in early childhood. *Development Psychology*, 40, 244-258.
- Coplan, R. J., Wilson, J., Frohlick, S. L. & Zelenski, J. (2006). A person-oriented analysis of behavioral inhibition and behavioral activation in children. *Personality and Individual Differences*, 41, 917-927.
- Correia, J., Santos, A. J., Freitas, M., Rosado, A. & Rubin, K. (2014) Análise fatorial confirmatória do Extended Class Play numa amostra portuguesa de jovens adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(3).
- Crick, N. R., Murray-Close, D., Marks, P. E. & Mohajeri-Nelson, N. (2009). Aggression and Peer Relationships in School-Age Children. In K. H. Rubin, W. M. Bukowski, & B. Laursen, *Handbook of Peer Interactions, Relationships, and Groups*. (pp. 287-299). New York: Guilford Press.
- Eisenberg, N., Fabes, R. A., Murphy, B. C., Shepard, S., Guthrie, I. K., Mazsk, P., Poulin, R. & Jones, S. (1999). Prediction of elementary school children's socially appropriate and problem behavior from anger reactions at age 4-6 years. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 20, 119-142.
- Fabes, R. A., Hanish, L. D., Martin, C. L. & Eisenberg, N. (2002). Young children's negative emotionality and social isolation: A latent growth curve analysis. *Merrill-Palmer Quarterly*, 48 (3), 284-307.

- Ferreira, D., Santos, A. J., Ribeiro, O., Freitas, M., Correia, J. V. & Rubin, K. (2013). Isolamento social e sentimento de solidão em jovens adolescentes. *Análise Psicológica*, 31, 117-127.
- Gazelle, H. & Ladd, G. W. (2003). Anxious solitude and peer exclusion: A diathesis-stress model of internalizing trajectories in childhood. *Child Development*, 74 (1), 257-278.
- Gazelle, H. & Rudolph, K. D. (2004). Moving toward and away from the world: Social approach and avoidance trajectories in anxious solitary youth. *Child Development*, 75 (3), 829-849.
- Gazelle, H. (2008). Behavioral profiles of anxious solitary children and heterogeneity in peer relations. *Developmental Psychology*, 44(6), 1604-1624.
- Goswick, R. A., & Jones, W. H. (1982). Components of loneliness during adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 11, 373-383.
- Gottman, J., Gonso, J. & Rasmussen, B. (1975). Social interaction, social competence, and friendship in children. *Child Development*, 46, 709-718.
- Hartup, W. W. & Stevens, N. (1997). Friendships and adaptation in the life course. *Psychological Bulletin*, 121 (3), 355-370.
- Hinde, R. A. (1987). *Individuals, relationships and culture: Links between ethology and the social sciences*. New York: Cambridge University Press.
- Hubard, J. A., & Coie, J. D. (1994). Emotional correlates of social competence in children's peer relationships. *Merrill-Palmer Quarterly*, 40, 1-20.
- Hymel, S., Rubin, K., Rowden, L. & LeMare, L. (1990). Children's peer relationships: longitudinal prediction of internalizing and externalizing problems from middle to late childhood. *Child Development*, 61, 2004-2021.

- Ladd, G. W. (2006). Peer rejection, aggressive or withdrawn behavior, and psychological maladjustment from ages 5 to 12: an examination of four predictive models. *Child Development, 77*, 822-846.
- Ladd, G. W. & Burgess, K. B. (1999). Charting the relationship trajectories of aggressive, withdrawn and aggressive/withdrawn children during early grade school. *Child Development, 70*, 910-929.
- Laursen, B. & Hartl, A. C. (2013). Understanding loneliness during adolescence: Developmental changes that increase the risk of perceived social isolation. *Journal of Adolescence, 36*, 1261-1268
- Masten, A. S., Morison, P., & Pellegrini, D. S. (1985). A revised class play method of peer assessment. *Developmental Psychology, 21*(3), 523-533.
- Mead, G. H. (1934). *Mind, self, and society*. Chicago: University of Chicago Press.
- Menzer, M. M., Oh, W., McDonald, K. L., Rubin, K. H., & Dashiell-Aje, E. (2010). Behavioral correlates of peer exclusion and victimization of east asian american and european american young adolescents. *Asian American Journal of Psychology, 4*, 290-302.
- Nelson, L. J., Rubin, K. H. & Fox, N. A. (2005). Social withdrawal, observed peer acceptance, and the development of self-perceptions in children ages 4 to 7 years. *Early Childhood Research Quarterly, 20*, 185-200.
- Nunes, S. A. N., Faraco, A. M. & Vieira, M. L. (2012). Correlatos e consequências do retraimento social na infância. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 64* (1), 122-138.
- O'Connor, R. D. (1969). Modification of social withdrawal through symbolic modeling. *Journal of Applied Behavior Analysis, 2* (1), 15-22.

- Oh, W., Rubin, K. H., Bowker, J. C., Booth-LaForce, C., Rose-Krasnor, L. & Laursen, B. (2008). Trajectories of social withdrawal from middle childhood to early adolescence. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 36, 553-566.
- Parker, J. G. & Asher, S. R. (1987). Peer acceptance and later personal adjustment: Are low accepted children “at risk”? *Psychological Bulletin*, 102, 357-389.
- Parker, J. G., & Asher, S. R. (1993). Friendship and friendship quality in middle childhood: Links with peer group acceptance and feelings of loneliness and social dissatisfaction. *Developmental Psychology*, 29 (4), 611-621.
- Pepler, D. J., Craig, W. & Roberts, W. L. (1995). Social skills training and aggression in the peer group. In McCord (Ed.), *Coercion and Punishment in Long-term Perspectives*. (213-228). New York: Cambridge University Press.
- Piaget, J. (1994). *Juízo Moral na Criança*. São Paulo: Summus Editorial.
- Rose, A. & Smith, R. (2009). Sex differences in peer relationships. In K. H. Rubin, W. M. Bukowski, & B. Laursen (Eds.), *Handbook of peer interactions, relationships, and groups* (pp. 379-393). New York: Guilford Press.
- Rubin, K. H. & Asendorpf, J. (1993). *Social withdrawal, inhibition, and shyness in childhood*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Rubin, K. H. & Burgess, K. B. (2001). Social withdrawal and anxiety. In M. W. Vasey & M. R. Dadds (Eds.), *The Developmental Psychopathology of Anxiety* (pp. 407-434). New York: Oxford University Press.
- Rubin, K. H., Chen, X. & Hymel, S. (1993). Socioemotional characteristics of withdrawal and aggressive children. *Merrill-Palmer Quarterly*, 39, 518-534.
- Rubin, K. H. & Coplan, R. J. (2004). Paying attention to and not neglecting social withdrawal and social isolation. *Merrill-Palmer Quarterly*, 50(4), 506-534.

- Rubin, K. H. & Mills, R. S. L. (1988). The many faces of social isolation in childhood. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 56 (6), 916-924.
- Rubin, K. H. (1982). Non-social play in preschoolers: Necessary evil? *Child Development*, 53, 651-657.
- Rubin, K. H. (1985). Socially withdrawn children: An “at risk” population? In Schneider, B. H., Rubin, K. H. & Ledingham, J. E. (Eds.). *Children’s peer relations: Issues in assessment and intervention* (pp. 125-139). New York: Springer-Verlag.
- Rubin, K. H., Bukowski, W. M., Parker, J. G. & Bowker, J. (2008). Peer interactions, relationships and groups. In Damon, W. & Lerner, R. M. (Ed.). *Child and adolescent development: An advanced course*. (Chap. 4, 1th ed., 141-180). Hoboken: John Wiley & Sons.
- Rubin, K. H., Bukowski, W., & Parker, J. G. (2006). Peer interactions, relationships, and groups. In W. Damon, R. M. Lerner & N. Eisenberg (Eds.), *Handbook child psychology: Social, emotional, and personality development* (6th ed. pp. 571-645). New York: Wiley.
- Rubin, K. H., Chen, X., McDougall, P., Bowker, A. & McKinnon, J. (1995). The waterloo longitudinal project: Predicting adolescent internalizing and externalizing problems from early and middle childhood. *Development and Psychopathology*, 7, 751-764.
- Rubin, K. H., Coplan, R. J. & Bowker, J. C. (2009). Social withdrawal in childhood. *Annual Review of Psychology*, 60(1), 141-171.
- Rubin, K. H., Hymel, S. & Mills, R. S. L. (1989). Sociability and social withdrawal in childhood: Stability and Outcomes. *Journal of Personality*, 57 (2), 237-255.
- Rubin, K. H., Root, K. A. & Bowker, J. C. (2010). Parents, peers and social anxiety disorder in childhood: A relationship perspective. In Gazelle, H & Rubin, K. H. (Eds.). *New directions for child and adolescent development: Social anxiety in childhood:*

Bridging developmental and clinical perspectives. (pp.79-94). San Francisco: Jossey-Bass.

Rubin, K. H., Wojslawowicz, J. C., Rose-Krasnor, L., Booth-LaForce, C. & Burgess, K. B. (2006). The best friendships of shy/withdrawn children: Prevalence, stability, and relationship quality. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 34 (2), 143-157.

Schneider, B. H., Richard, J. F., Younger, A. J., & Freeman, P. (2000). A longitudinal exploration of the continuity of children's social participation and social withdrawal across socioeconomic status levels and social settings. *European Journal of Social Psychology*, 30(4), 497-519.

Schneider, B. H., Younger, A. J., Smith, T., & Freeman, P. (1998). A longitudinal exploration of the cross-contextual stability of social withdrawal in early adolescence. *Journal of Early Adolescence*, 18(4), 374.

Stocker, C. & Dunn, J. (1990). Sibling relationships in childhood: Links with friendships and peer relationships. *British Journal of Developmental Psychology*, 8, 227-244.

Sullivan, H. S. (1953). *The interpersonal theory of psychiatry*. New York: Norton.

Wang, J. M., Rubin, K. H., Laursen, B., Booth-LaForce, C. & Rose-Krasnor, L. (2013). Preference for solitude and adjustment difficulties in early and late adolescence. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 0(0), 1-9.

Younger, A. J. & Daniels, T. M. (1992). Children's reasons for nominating their peer as withdrawn: Passive withdrawal versus active isolation. *Developmental Psychology*, 28 (5), 955-960.

Zerbatany, L., Hartmann, D. P. & Rankin, D. B. (1990). The psychological functions of preadolescent peer activities. *Child Development*, 61, 1067-1080.

ANEXOS

Anexo 1 – Output da identificação dos adolescentes isolados-retraídos e isolados-agressivos
no momento 1

Tempo 1

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Isolados Retraídos	175	22,1	46,3
	Isolados Agressivos	41	5,2	57,1
	Controlo	162	20,4	100,0
	Total	378	47,7	100,0

Anexo 2 – Output da identificação dos adolescentes isolados-retraídos e isolados-agressivos
no momento 2

Tempo 2

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Isolados Retraídos	106	13,4	47,3
	Isolados Agressivos	26	3,3	58,9
	Controlo	92	11,6	100,0
	Total	224	28,2	100,0

Anexo 3 – Output da identificação dos adolescentes isolados-retraídos e isolados-agressivos nos dois momentos avaliados

GRIC.1 * GRIC.2 Crosstabulation

Count

		GRIC.2			Total
		Isolados Retraídos	Isolados Agressivos	Controlo	
GRIC.1	Isolados Retraídos	60	6	18	84
	Isolados Agressivos	5	3	2	10
	Controlo	15	5	19	39
Total		80	14	39	133

Anexo 4 – Output da média e desvio-padrão das idades dos participantes

	Mean	Std. Deviation
Idade	13,24	1,697
Valid N (listwise)		

Anexo 5 – Correlações das diferentes dimensões em ambos os sexos

		Correlations											
		EcpAqqr.1: ECP SAME-SEX AGGRESSION	EcpAqqr.2: ECP SAME-SEX AGGRESSION	EcpSW.1: ECP SAME-SEX SOCIAL WITHDRAWAL	EcpSW.2: ECP SAME-SEX SOCIAL WITHDRAWAL	EcpExcl.1: ECP SAME-SEX EXCLUSION	EcpExcl.2: ECP SAME-SEX EXCLUSION	EcpVict.1: ECP SAME-SEX VICTIMIZATION	EcpVict.2: ECP SAME-SEX VICTIMIZATION	EcpPrSoc.1: ECP SAME-SEX PROSOCIAL BEHAVIOR	EcpPrSoc.2: ECP SAME-SEX PROSOCIAL BEHAVIOR	EcpSoc.1: ECP SAME-SEX SOCIALITY PO POPULARITY	EcpSoc.2: ECP SAME-SEX SOCIALITY PO POPULARITY
EcpAqqr.1: ECP SAME-SEX AGGRESSION	Pearson Correlation	1	,569**	-,292**	-,249**	-,020	,008	,117**	,169**	-,141**	-,133**	,166**	,161**
	Sig. (2-tailed)		,000	,000	,000	,575	,858	,001	,000	,000	,005	,000	,001
	N	762	452	762	452	762	452	762	452	762	452	762	452
EcpAqqr.2: ECP SAME-SEX AGGRESSION	Pearson Correlation	,569**	1	-,291**	-,278**	-,121**	-,028	,015	,122**	-,107**	-,079	,115*	,278**
	Sig. (2-tailed)	,000		,000	,000	,010	,542	,749	,008	,023	,089	,015	,000
	N	452	471	452	471	452	471	452	471	452	471	452	471
EcpSW.1: ECP SAME-SEX SOCIAL WITHDRAWAL	Pearson Correlation	-,292**	-,291**	1	,628**	,560**	,396**	,261**	,155**	-,022	-,048	-,224**	-,208**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000		,000	,000	,000	,000	,001	,551	,308	,000	,000
	N	762	452	762	452	762	452	762	452	762	452	762	452
EcpSW.2: ECP SAME-SEX SOCIAL WITHDRAWAL	Pearson Correlation	-,249**	-,278**	,628**	1	,411**	,537**	,158**	,215**	-,050	-,021	-,203**	-,208**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000		,000	,000	,001	,000	,285	,649	,000	,000
	N	452	471	452	471	452	471	452	471	452	471	452	471
EcpExcl.1: ECP SAME-SEX EXCLUSION	Pearson Correlation	-,020	-,121**	,560**	,411**	1	,622**	,644**	,540**	-,198**	-,229**	-,285**	-,267**
	Sig. (2-tailed)	,575	,010	,000	,000		,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	N	762	452	762	452	762	452	762	452	762	452	762	452
EcpExcl.2: ECP SAME-SEX EXCLUSION	Pearson Correlation	,008	-,028	,396**	,537**	,622**	1	,487**	,680**	-,158**	-,224**	-,242**	-,200**
	Sig. (2-tailed)	,858	,542	,000	,000	,000		,000	,000	,001	,000	,000	,000
	N	452	471	452	471	452	471	452	471	452	471	452	471
EcpVict.1: ECP SAME-SEX VICTIMIZATION	Pearson Correlation	,117**	,015	,261**	,158**	,644**	,487**	1	,588**	-,161**	-,172**	-,201**	-,217**
	Sig. (2-tailed)	,001	,749	,000	,001	,000	,000		,000	,000	,000	,000	,000
	N	762	452	762	452	762	452	762	452	762	452	762	452
EcpVict.2: ECP SAME-SEX VICTIMIZATION	Pearson Correlation	,169**	,122**	,155**	,215**	,540**	,680**	,588**	1	-,179**	-,174**	-,192**	-,173**
	Sig. (2-tailed)	,000	,008	,001	,000	,000	,000	,000		,000	,000	,000	,000
	N	452	471	452	471	452	471	452	471	452	471	452	471
EcpPrSoc.1: ECP SAME-SEX PROSOCIAL BEHAVIOR	Pearson Correlation	-,141**	-,107**	-,022	-,050	-,198**	-,158**	-,161**	-,179**	1	,507**	,457**	,140**
	Sig. (2-tailed)	,000	,023	,551	,285	,000	,001	,000	,000		,000	,000	,003
	N	762	452	762	452	762	452	762	452	762	452	762	452
EcpPrSoc.2: ECP SAME-SEX PROSOCIAL BEHAVIOR	Pearson Correlation	-,133**	-,079	-,048	-,021	-,229**	-,224**	-,172**	-,174**	,507**	1	,250**	,352**
	Sig. (2-tailed)	,005	,089	,308	,649	,000	,000	,000	,000	,000		,000	,000
	N	452	471	452	471	452	471	452	471	452	471	452	471
EcpSoc.1: ECP SAME-SEX SOCIALITY_POPULARITY	Pearson Correlation	,166**	,115*	-,224**	-,203**	-,285**	-,242**	-,201**	-,192**	,457**	,250**	1	,374**
	Sig. (2-tailed)	,000	,015	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000		,000
	N	762	452	762	452	762	452	762	452	762	452	762	452
EcpSoc.2: ECP SAME-SEX SOCIALITY_POPULARITY	Pearson Correlation	,161**	,278**	-,208**	-,208**	-,267**	-,200**	-,217**	-,173**	,140**	,352**	,374**	1
	Sig. (2-tailed)	,001	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,003	,000	,000	
	N	452	471	452	471	452	471	452	471	452	471	452	471

Anexo 6 – Correlações das diferentes dimensões para o sexo feminino

		Correlations ^a											
		EcpAqqr.1: ECP SAME-SEX AGGRESSION	EcpAqqr.2: ECP SAME-SEX AGGRESSION	EcpSW.1: ECP SAME-SEX SOCIAL WITHDRAWAL	EcpSW.2: ECP SAME-SEX SOCIAL WITHDRAWAL	EcpExcl.1: ECP SAME-SEX EXCLUSION	EcpExcl.2: ECP SAME-SEX EXCLUSION	EcpVict.1: ECP SAME-SEX VICTIMIZATION	EcpVict.2: ECP SAME-SEX VICTIMIZATION	EcpPrSoc.1: ECP SAME-SEX PROSOCIAL BEHAVIOR	EcpPrSoc.2: ECP SAME-SEX PROSOCIAL BEHAVIOR	EcpSoc.1: ECP SAME-SEX SOCIALITY PO PULARITY	EcpSoc.2: ECP SAME-SEX SOCIALITY PO PULARITY
EcpAqqr.1: ECP SAME-SEX AGGRESSION	Pearson Correlation	1	,571**	-,291**	-,286**	-,042	-,087	,095	,121	-,194**	-,149*	,179**	,189**
	Slq. (2-tailed)		,000	,000	,000	,414	,190	,065	,070	,000	,025	,000	,004
	N	383	227	383	227	383	227	383	227	383	227	383	227
EcpAqqr.2: ECP SAME-SEX AGGRESSION	Pearson Correlation	,571**	1	-,285**	-,245**	-,133*	-,110	-,027	,127	-,123	-,076	,070	,260**
	Slq. (2-tailed)	,000		,000	,000	,046	,097	,683	,054	,064	,251	,295	,000
	N	227	229	227	229	227	229	227	229	227	229	227	229
EcpSW.1: ECP SAME-SEX SOCIAL WITHDRAWAL	Pearson Correlation	-,291**	-,285**	1	,652**	,593**	,421**	,267**	,101	-,067	-,019	-,257**	-,226**
	Slq. (2-tailed)	,000	,000		,000	,000	,000	,000	,128	,193	,774	,000	,001
	N	383	227	383	227	383	227	383	227	383	227	383	227
EcpSW.2: ECP SAME-SEX SOCIAL WITHDRAWAL	Pearson Correlation	-,286**	-,245**	,652**	1	,444**	,655**	,147*	,185**	-,095	-,067	-,237**	-,224**
	Slq. (2-tailed)	,000	,000	,000		,000	,000	,027	,005	,154	,316	,000	,001
	N	227	229	227	229	227	229	227	229	227	229	227	229
EcpExcl.1: ECP SAME-SEX EXCLUSION	Pearson Correlation	-,042	-,133*	,593**	,444**	1	,642**	,644**	,494**	-,247**	-,260**	-,306**	-,279**
	Slq. (2-tailed)	,414	,046	,000	,000		,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000
	N	383	227	383	227	383	227	383	227	383	227	383	227
EcpExcl.2: ECP SAME-SEX EXCLUSION	Pearson Correlation	-,087	-,110	,421**	,655**	,642**	1	,435**	,628**	-,150*	-,223**	-,222**	-,235**
	Slq. (2-tailed)	,190	,097	,000	,000	,000		,000	,000	,023	,001	,001	,000
	N	227	229	227	229	227	229	227	229	227	229	227	229
EcpVict.1: ECP SAME-SEX VICTIMIZATION	Pearson Correlation	,095	-,027	,267**	,147*	,644**	,435**	1	,532**	-,190**	-,193**	-,231**	-,256**
	Slq. (2-tailed)	,065	,683	,000	,027	,000	,000		,000	,004	,000	,000	,000
	N	383	227	383	227	383	227	383	227	383	227	383	227
EcpVict.2: ECP SAME-SEX VICTIMIZATION	Pearson Correlation	,121	,127	,101	,185**	,494**	,628**	,532**	1	-,160*	-,181**	-,143*	-,156*
	Slq. (2-tailed)	,070	,054	,128	,005	,000	,000	,000		,016	,006	,031	,018
	N	227	229	227	229	227	229	227	229	227	229	227	229
EcpPrSoc.1: ECP SAME-SEX PROSOCIAL BEHAVIOR	Pearson Correlation	-,194**	-,123	-,067	-,095	-,247**	-,150*	-,190**	-,160*	1	,385**	,457**	,075
	Slq. (2-tailed)	,000	,064	,193	,154	,000	,023	,000	,016		,000	,000	,260
	N	383	227	383	227	383	227	383	227	383	227	383	227
EcpPrSoc.2: ECP SAME-SEX PROSOCIAL BEHAVIOR	Pearson Correlation	-,149*	-,076	-,019	-,067	-,260**	-,223**	-,193**	-,181**	,385**	1	,152*	,433**
	Slq. (2-tailed)	,025	,251	,774	,316	,000	,001	,004	,006	,000		,022	,000
	N	227	229	227	229	227	229	227	229	227	229	227	229
EcpSoc.1: ECP SAME-SEX SOCIALITY_POPULARITY	Pearson Correlation	,179**	,070	-,257**	-,237**	-,306**	-,222**	-,231**	-,143*	,457**	,152*	1	,307**
	Slq. (2-tailed)	,000	,295	,000	,000	,000	,001	,000	,031	,000	,022		,000
	N	383	227	383	227	383	227	383	227	383	227	383	227
EcpSoc.2: ECP SAME-SEX SOCIALITY_POPULARITY	Pearson Correlation	,189**	,260**	-,226**	-,224**	-,279**	-,235**	-,256**	-,156*	,075	,433**	,307**	1
	Slq. (2-tailed)	,004	,000	,001	,001	,000	,000	,000	,018	,260	,000	,000	
	N	227	229	227	229	227	229	227	229	227	229	227	229

Anexo 7 – Correlações das diferentes dimensões para o sexo masculino

		Correlations ^a											
		EcpAqqr.1: ECP SAME-SEX AGGRESSION	EcpAqqr.2: ECP SAME-SEX AGGRESSION	EcpSW.1: ECP SAME-SEX SOCIAL WITHDRAWAL	EcpSW.2: ECP SAME-SEX SOCIAL WITHDRAWAL	EcpExcl.1: ECP SAME-SEX EXCLUSION	EcpExcl.2: ECP SAME-SEX EXCLUSION	EcpVict.1: ECP SAME-SEX VICTIMIZATION	EcpVict.2: ECP SAME-SEX VICTIMIZATION	EcpPrSoc.1: ECP SAME-SEX PROSOCIAL BEHAVIOR	EcpPrSoc.2: ECP SAME-SEX PROSOCIAL BEHAVIOR	EcpSoc.1: ECP SAME-SEX SOCIALITY PO PULARITY	EcpSoc.2: ECP SAME-SEX SOCIALITY PO PULARITY
EcpAqqr.1: ECP SAME-SEX AGGRESSION	Pearson Correlation	1	,568 ^{**}	-,293 ^{**}	-,210 ^{**}	,004	,107	,142 ^{**}	,214 ^{**}	-,086	-,116	,152 ^{**}	,134 [*]
	Sig. (2-tailed)		,000	,000	,002	,942	,108	,005	,001	,093	,082	,003	,045
	N	379	225	379	225	379	225	379	225	379	225	379	225
EcpAqqr.2: ECP SAME-SEX AGGRESSION	Pearson Correlation	,568 ^{**}	1	-,300 ^{**}	-,319 ^{**}	-,109	,070	,059	,126	-,092	-,101	,162 [*]	,286 ^{**}
	Sig. (2-tailed)	,000		,000	,000	,103	,298	,376	,058	,171	,130	,015	,000
	N	225	225	225	225	225	225	225	225	225	225	225	225
EcpSW.1: ECP SAME-SEX SOCIAL WITHDRAWAL	Pearson Correlation	-,293 ^{**}	-,300 ^{**}	1	,601 ^{**}	,520 ^{**}	,368 ^{**}	,251 ^{**}	,212 ^{**}	,026	-,081	-,186 ^{**}	-,187 ^{**}
	Sig. (2-tailed)	,000	,000		,000	,000	,000	,000	,001	,612	,226	,000	,005
	N	379	225	379	225	379	225	379	225	379	225	379	225
EcpSW.2: ECP SAME-SEX SOCIAL WITHDRAWAL	Pearson Correlation	-,210 ^{**}	-,319 ^{**}	,601 ^{**}	1	,375 ^{**}	,384 ^{**}	,171 [*]	,197 ^{**}	-,005	,039	-,168 [*]	-,194 ^{**}
	Sig. (2-tailed)	,002	,000	,000		,000	,000	,010	,003	,943	,556	,012	,004
	N	225	225	225	225	225	225	225	225	225	225	225	225
EcpExcl.1: ECP SAME-SEX EXCLUSION	Pearson Correlation	,004	-,109	,520 ^{**}	,375 ^{**}	1	,601 ^{**}	,643 ^{**}	,585 ^{**}	-,147 ^{**}	-,200 ^{**}	-,261 ^{**}	-,256 ^{**}
	Sig. (2-tailed)	,942	,103	,000	,000		,000	,000	,000	,004	,003	,000	,000
	N	379	225	379	225	379	225	379	225	379	225	379	225
EcpExcl.2: ECP SAME-SEX EXCLUSION	Pearson Correlation	,107	,070	,368 ^{**}	,384 ^{**}	,601 ^{**}	1	,542 ^{**}	,724 ^{**}	-,167 ^{**}	-,242 ^{**}	-,263 ^{**}	-,181 ^{**}
	Sig. (2-tailed)	,108	,298	,000	,000	,000		,000	,000	,012	,000	,000	,006
	N	225	225	225	225	225	225	225	225	225	225	225	225
EcpVict.1: ECP SAME-SEX VICTIMIZATION	Pearson Correlation	,142 ^{**}	,059	,251 ^{**}	,171 [*]	,643 ^{**}	,542 ^{**}	1	,643 ^{**}	-,132 [*]	-,155 [*]	-,167 ^{**}	-,178 ^{**}
	Sig. (2-tailed)	,005	,376	,000	,010	,000	,000		,000	,010	,020	,001	,008
	N	379	225	379	225	379	225	379	225	379	225	379	225
EcpVict.2: ECP SAME-SEX VICTIMIZATION	Pearson Correlation	,214 ^{**}	,126	,212 ^{**}	,197 ^{**}	,585 ^{**}	,724 ^{**}	,643 ^{**}	1	-,197 ^{**}	-,196 ^{**}	-,239 ^{**}	-,198 ^{**}
	Sig. (2-tailed)	,001	,058	,001	,003	,000	,000	,000		,003	,003	,000	,003
	N	225	225	225	225	225	225	225	225	225	225	225	225
EcpPrSoc.1: ECP SAME-SEX PROSOCIAL BEHAVIOR	Pearson Correlation	-,086	-,092	,026	-,005	-,147 ^{**}	-,167 ^{**}	-,132 [*]	-,197 ^{**}	1	,614 ^{**}	,458 ^{**}	,202 ^{**}
	Sig. (2-tailed)	,093	,171	,612	,943	,004	,012	,010	,003		,000	,000	,002
	N	379	225	379	225	379	225	379	225	379	225	379	225
EcpPrSoc.2: ECP SAME-SEX PROSOCIAL BEHAVIOR	Pearson Correlation	-,116	-,101	-,081	,039	-,200 ^{**}	-,242 ^{**}	-,155 [*]	-,196 ^{**}	,614 ^{**}	1	,344 ^{**}	,283 ^{**}
	Sig. (2-tailed)	,082	,130	,226	,556	,003	,000	,020	,003	,000		,000	,000
	N	225	225	225	225	225	225	225	225	225	225	225	225
EcpSoc.1: ECP SAME-SEX SOCIALITY_POPULARITY	Pearson Correlation	,152 ^{**}	,162 [*]	-,186 ^{**}	-,168 [*]	-,261 ^{**}	-,263 ^{**}	-,167 ^{**}	-,239 ^{**}	,458 ^{**}	,344 ^{**}	1	,438 ^{**}
	Sig. (2-tailed)	,003	,015	,000	,012	,000	,000	,001	,000	,000	,000		,000
	N	379	225	379	225	379	225	379	225	379	225	379	225
EcpSoc.2: ECP SAME-SEX SOCIALITY_POPULARITY	Pearson Correlation	,134 [*]	,286 ^{**}	-,187 ^{**}	-,194 ^{**}	-,256 ^{**}	-,181 ^{**}	-,178 ^{**}	-,198 ^{**}	,202 ^{**}	,283 ^{**}	,438 ^{**}	1
	Sig. (2-tailed)	,045	,000	,005	,004	,000	,006	,008	,003	,002	,000	,000	
	N	225	225	225	225	225	225	225	225	225	225	225	225